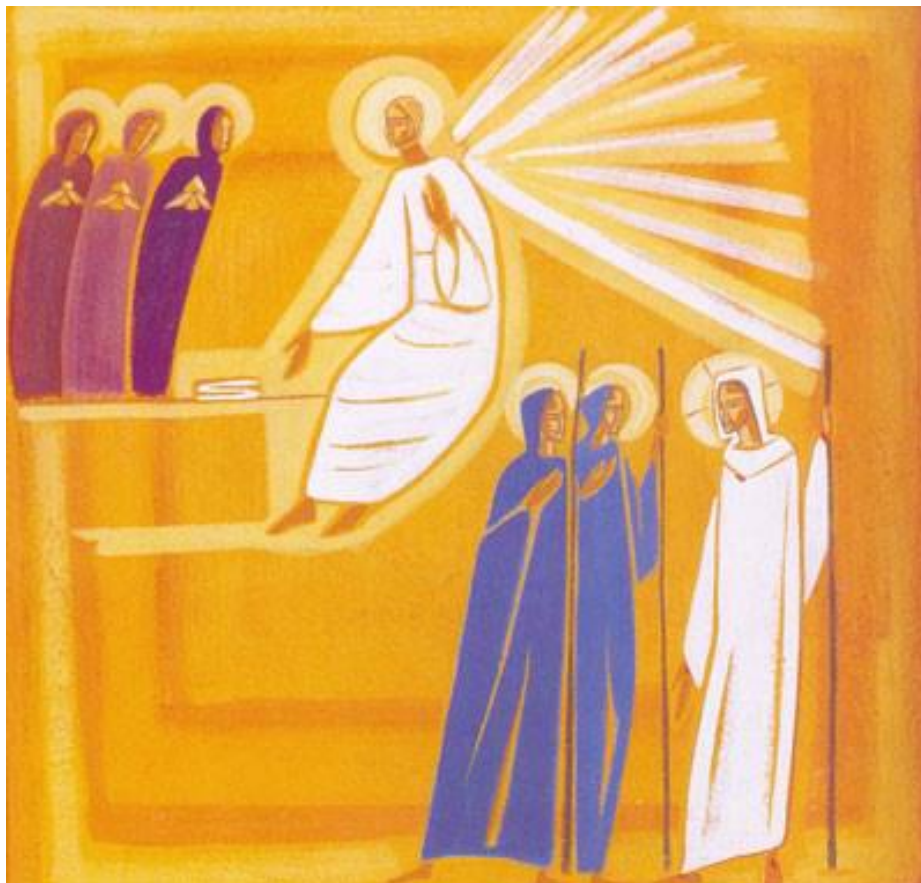


PADRE AMARO GONÇALO F. LOPES

JORNADA DIOCESANA DO APOSTOLADO DOS LEIGOS

COLÉGIO DE SANTA TERESINHA



1.ª PARTE

A CONSCIÊNCIA MISSIONÁRIA DE TODOS OS BATIZADOS

“EU SOU UMA MISSÃO NA MINHA TERRA”!

Evangelii Gaudium 273

DIOCESE DO FUNCHAL

Ser Cristão, viver em Missão

24 de novembro 2018

**5.º Aniversário da publicação da
Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***

Oração

Senhor Jesus,
desperta em nós um olhar missionário,
ajuda-nos a escutar o coração do outro,
e a ver o Teu rosto nos irmãos.

Ajuda-nos a ser audazes
afastando-nos dos nossos
medos e preconceitos.

Queremos, como Tu,
viver a linguagem do amor e
servir mais do que ser servidos.

Só Tu És o Caminho,
dá-nos a coragem de Te seguir
e de Ser Igreja missionária
aonde nos lewares.

Aqui estamos Senhor,
porque acreditamos
que ser cristão é viver em Missão!

Ámen

INTRODUÇÃO

Superar o déficit da consciência missionária

Faz hoje precisamente 5 anos que foi publicada a exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*¹, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, que nos desafia a “*uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria do Evangelho*” (EG 1); e pela alegria de evangelizar (EN 80, cit. EG 9).

É um documento programático do Pontificado do Papa Francisco e paradigmático para toda a Igreja, desafiada a uma verdadeira transformação missionária: “*a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja*” (EG 15), *que não existe senão para evangelizar*” (cf. EN 14).

Um dos grandes desafios da Igreja, que o Papa nos apresenta a concluir o capítulo II da Exortação Apostólica EG, sobre a crise do compromisso comunitário, é precisamente o *déficit da consciência missionária*.

Diz literalmente assim:

“A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicado, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; nalguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral” (EG 102).

¹ Citaremos sempre com a sigla EG a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, de 24.11.2015

Não se pode negar que, diante da missão, em muitas das nossas comunidades, há um sentimento de indiferença, cansaço e até aborrecimento.

Este fastio generalizado da missão era denunciado já por São João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Missio* (Red.Miss. 2) a ponto de se hesitar em usar termos como «missões» e «missionários» no plural, preferindo-se falar quase exclusivamente em «missão» e «missionário» (Red.Mis. 32).

Difundiou-se entre os batizados, fiéis e pastores, um certo cansaço missionário em que a autorreferencialidades de certas Igrejas locais (centradas em si mesmas) se esconde por detrás de supostas formas de inculturação. A introversão burocrático-clerical da atividade administrativo-pastoral parece estruturar a sobrevivência de muitas instituições e de alguns cristãos dedicados a manter o existente e o “*fez-se sempre assim*” (cf. EG 33).

É realmente um excelente desafio este de despertar a consciência missionária, neste Ano Missionário, proposto pelos nossos Bispos, para preparar o declarado pelo Papa Francisco, “Mês Missionário Extraordinário”², destinado a assinalar o centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud*, de 30 de novembro de 1919, do Papa Bento XV, a Carta Magna das Missões modernas.

O então Papa Bento XVI, na Homilia da Missa, celebrada na Avenida dos Aliados, afastava a ideia da missão destinada a um “território” específico, lá mais longe, o agora papa emérito, avisava-nos de que bem perto, e entre nós, “*também os âmbitos socioculturais e sobretudo os corações são os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus*”.

A advertência não podia ser mais oportuna e antevia o desafio missionário da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

“*Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que aliás só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito*” (Bento XVI, Homilia, Avenida dos Aliados, 14.05.2010).

² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota Pastoral para o Ano Missionário e o Mês Missionário Extraordinário “Todos, tudo e sempre em missão”*, Fátima, 20.05.2018

O Papa Francisco localiza este “território” a partir da “minha terra” e deixa claro: *“A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto se revela a enfermeira autêntica, o professor autêntico, o político autêntico, aqueles que decidiram, no mais íntimo do seu ser, estar com os outros e ser para os outros”* (EG 273).

Ser missionário não é mais uma mera qualificação que afeta só alguns cristãos como algo accidental. Ser missionário exprime o que significa **ser cristão**, na sua essência mais íntima, como aparece claro no vosso lema pastoral 2018/2019: *“Ser cristão, viver em missão”*⁴.

Recordo a força das palavras de Bento XVI, no coração da minha cidade e diocese: *“É necessário que vos torneis comigo testemunhas da ressurreição de Jesus. Na realidade, se não fordes vós as suas testemunhas no próprio ambiente, quem o será em vosso lugar? O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida”* (Bento XVI, Homilia, Avenida dos Aliados, 14.05.2010).

Para João Paulo II o missionário é-o mais pelo que é do que pelo que diz ou faz (Red. Miss. 23). Pelo que a missão deve implicar uma renovação do desejo de santidade. Missão e santidade aparecem estreitamente unidas (RM 90). E a missão não só representa a própria natureza da Igreja (AG 2), como é a origem, o fim e a vida da Igreja. Sem dúvida alguma, o Papa Francisco vive e pensa uma Igreja a partir da missão e para a missão.

Com o Papa Francisco, podemos dizer, que a missão se tornou o paradigma da vida e da atuação da Igreja. A atividade eclesial deve aferir-se por este critério: se ajuda ou dificulta o compromisso evangelizador da Igreja. Por isso, é urgente superar este déficite da consciência missionária de todos os cristãos. Dizem que há vida para além do déficite... das finanças em Portugal. Não há vida na Igreja, se não superarmos este déficite. Porque a missão é a própria vida da Igreja, a sua razão de ser e a sua razão de existir. Só uma saída com futuro para a Igreja: uma saída missionária!

⁴ <https://www.diocesedofunchal.com/f/>

I. UMA NOVA «SAÍDA MISSIONÁRIA DA IGREJA» (EG - CAP. 1, 20-49)

É a palavra de ordem do Papa Francisco, no 1.º capítulo da sua Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” (cap. I, 20-49).

«Hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias, que precisam da luz do Evangelho (EG 20).

Esta citação é fundamental para identificar alguns pontos nevrálgicos do pensamento do Papa Francisco, sobre uma Igreja, em saída missionária.

1. Antes de mais o sujeito: Todos discípulos missionários!

A expressão que aparece na EG, n.º 120 tem as suas raízes no famoso documento da Aparecida⁵, em que teve papel inspirador e redator o então Cardeal de Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio. Vamos explorar isto, tendo em conta que viver em missão tem as suas raízes no ser cristão, no discipulado de Jesus.

1.1. Ser discípulo para ser missionário: só um discípulo pode fazer outro discípulo

Ser cristão implica “tornar-se cristão”, ou dito de outro modo, fazer-se discípulo. Foi aliás esse o mandato de Jesus: “*Ide, e de todas nações, fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo quanto vos ensinei*” (Mt 28,19-20).

Todos percebemos que é mais fácil batizar e ensinar do que fazer um discípulo, do que iniciar processos de adesão e de conversão a Cristo, a partir do encontro com Ele. Todos percebemos que é mais fácil oferecer cursos de preparação para os sacramentos do que propor percursos de crescimento espiritual e de configuração vital a Jesus Cristo. E, nem sempre, o fazemos como devíamos, dando por suposto o primeiro anúncio e a conversão, esquecendo a necessidade de voltar constantemente aí, ao primeiro anúncio, ao anúncio principal (cf. EG 164), para facilitar, propor e provocar o encontro vital com a pessoa de Jesus Cristo, sem o qual não se faz um cristão, um discípulo.

⁵ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE, Aparecida, Documento final, 13-31 de maio de 2007.

É sempre importantíssimo voltar aqui, a este pensamento de Bento XVI:

“No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o **encontro** com um acontecimento, com uma Pessoa [Jesus Cristo], que dá à vida um novo horizonte e um rumo decisivo” (DCE 1).

Este mesmo pensamento está na cabeça e à cabeça do Papa Francisco quando diz, no início da *Evangelii Gaudium*:

“A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira **daqueles que se encontram com Jesus**” (EG 1) para logo, de seguida fazer este apelo: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar” (EG 3).

Tudo começa pela atração que Cristo exerce sobre o discípulo, que assim se levanta à chamada de Cristo quando Ele passa, olha, chama e envia: “*Levanta-te e vai*” (Mc 2,12; 10,49; Lc 6,8; 7,14; 17,19; At 3,7; 9, 6.11; Ef,514).

Não é possível fazer discípulos sem proporcionar a alegria e a beleza deste **encontro**, seja na oração pessoal ou comunitária, seja na escuta e meditação da Palavra de Deus, seja na beleza de uma celebração, seja no encontro com o rosto ferido de um irmão.

Pensemos o que se diria do discípulo missionário se este pretendesse anunciar e testemunhar Jesus, sem voltar constantemente ao encontro com Ele, sem frequentar a escola da humildade e do serviço, sem se tornar um contínuo discípulo, aprendiz e companheiro do Mestre? O discípulo que não segue Jesus, como um caminheiro desinstalado, não é um missionário, mas um ilusionista ou um propagandista da fé, um mercenário por conta própria.

Na verdade, não podemos ter encontrado Cristo, não podemos seguir e servir o Senhor, como discípulos, se não O anunciarmos e proclamarmos aos outros, como missionários. Portanto, “*não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»*” (EG 120).

Quando dizemos “*todos discípulos missionários*”, não podemos esquecer que:

Não há **envio sem chamamento**, não há **testemunho sem experiência**, não há **anúncio sem escuta**; não se propõe a conversão aos outros sem se deixar converter a si mesmo. Não há saída para o mundo sem entrada na oração e no coração do Senhor.

Por isso, o que Jesus faz primeiro é formar na sua “Escola” de vida e amor os seus discípulos, de tal modo que estes aprendam e apreendam d’Ele o Seu estilo de vida. O enviado não é aquele que diz coisas bonitas, mas aquele que adquiriu “*os modos do Senhor*” (*Didaqué*, 10, 1,8).

Por isso, um discípulo faz-se:

a) na medida em que a catequese for **experiência da alegria do encontro com Jesus Cristo** e não uma aula ou exposição de uma doutrina, que se aprende como um bom aluno.

O discípulo não é propriamente um *bom aluno* de uma qualquer escola religiosa, moral ou teológica.

O discípulo não faz um curso para seguir Jesus! O discípulo é sempre um aprendiz, *um inexperiente* (*Pr* 9,4), que faz um longo e árduo percurso de amizade com Jesus, aprende d’Ele e com Ele, cresce com Ele, caminha com Ele, encontra o segredo da Sua vida na intimidade da mesa.

Para se tornar discípulo missionário “*é preciso frequentar a escola do Mestre, acompanhá-lo afetivamente, deixarmo-nos transformar por Ele para que possamos difundir entre os de fora a beleza de se «matricular» nela e a alegria de se ser seu companheiro*” (PDP 2018/2019, n.º 5).

b) na medida em que a Eucaristia for não apenas um preceito que se cumpre por obrigação, mas um **encontro feliz com a pessoa de Jesus Cristo, vivo no meio de nós**.

O discípulo é aquele que “*faz a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem*” (EG 266). De modo que o conhecimento que tem de Jesus não lhe vem dos livros, não é um saber académico ou escolar. O conhecimento de Jesus, mais do que ciência adquirida pelo saber bíblico ou livresco, é *uma sabedoria* que se alcança à medida que se aprende cada dia a “*saborear e ver*”

como o Senhor é bom” (SI 33/34,9). “Não é o muito saber que enche e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear interiormente as coisas” (Santo Inácio de Loiola, cit. AL, n.º 207).

c) na medida em que a oração não for palavreado, mas **diálogo com o Senhor**, escuta e resposta amorosa à sua Palavra.

Só uma Igreja de discípulos ouvintes da Palavra se pode tornar uma Igreja de missionários, servos e testemunhas da alegria do Evangelho. “Se [o discípulo] não se detém com sincera abertura a escutar esta Palavra, se não deixa que a mesma toque a sua vida, que o interpele, exorte, mobilize, se não dedica tempo para rezar com esta Palavra, então na realidade será um falso profeta, um charlatão vazio” (EG 151).

d) na medida em que o nosso serviço ou compromisso não for apenas voluntariado, mas **encontro face a face**, com o rosto de Cristo nos outros.

Para chegar a ser discípulo, não basta ouvir um ensinamento, obedecer a um mandamento. É preciso deixar-se seduzir e amar pelo olhar de Jesus, deixar-se encontrar e enamorar por Ele. Sem este encontro, poderemos chegar a ser admiradores, mas não seguidores, que se identificam com Jesus!

Sem este encontro com Jesus, podemos angariar alguns generosos voluntários, dispostos a realizar tarefas na missão da Igreja, mas não discípulos missionários do Senhor, capazes de deixar tudo por Ele e pelo seu Reino. **Só um discípulo pode “fazer” outro discípulo!**

1.2. Ser missionário é próprio do discípulo: não é adorno ou apêndice

Porque é que não se pode ser discípulo sem ser missionário?

O discípulo é aquele que se deixou seduzir, encontrar e encantar pelo Senhor, escutando-O, seguindo-O no caminho da Cruz, recebendo-O e servindo-O nos mais pequeninos. Ora, o discípulo que se deixou encontrar por Jesus, não pode jamais calar a alegria que brota desse encontro, não pode guardar só para si a experiência do amor recebido.

Seduzido pelo amor de Cristo, é impelido a irradiar e a contagiar os outros com a alegria da sua fé. E, por isso, o discípulo torna-se necessariamente missionário, arauto e testemunha, humilde servidor da alegria do Evangelho.

A missão brota necessariamente do encontro com Jesus Cristo, porque tal graça não pode ficar guardada como relíquia de museu nas nossas recordações.

A comunhão amorosa com o Senhor é essencialmente uma comunhão missionária, que Jesus revelou constituindo os Doze “*para estarem Ele e para os enviar a pregar*” (Mc 3,14), criando, portanto, com os apóstolos uma “*intimidade itinerante*” (EG 23).

“*Unidos a Jesus, procuramos o que ele procura, amamos o que Ele ama*” (EG 267), de modo que “*a paixão por Jesus*” é, simultaneamente “*a paixão pelo seu povo*” (EG 268). O que se diz aqui dos apóstolos pode dizer-se dos discípulos.

“*A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir*” (EG 273).

Um discípulo de quatro costados não é um voluntário a prazo: é-o na sua totalidade, na inteireza do seu ser! Não se pode mais ser discípulo de Jesus a meio-gás, a meio-termo, ou da boca para fora!

O verdadeiro discípulo, que se distingue pelo amor aos outros (cf. Jo 13,34; LG 42), não conhece meias medidas, mas o amor sem medida!

Seremos então *todos discípulos*, se formos todos de Deus e todos do Seu povo, se formos inteiros.

O poeta Fernando Pessoa deixou-nos este belo poema: “*Para ser grande, sê inteiro. / Nada Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / no mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua toda brilha / porque alta vive*” (Odes de Ricardo Reis).

Na verdade, para chegar a esta medida alta da vida cristã, “*o Senhor pede tudo! E, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados*” (GE 1). Se quisermos dizer isto de outra forma, então “*para o Senhor, ou tudo ou nada! Ou a santidade ou nada*” (Papa Francisco, Angelus, 1.11.2018)!

Mas este “*tudo ou nada*”, não define apenas a condição do discípulo, que não pode seguir a Cristo, apenas com alguma coisa de si e de seu! O tal *discípulo missionário de quatro costados* assume a sua vida inteira como missão, com tudo o que é, com tudo o que tem.

Na verdade, estamos demasiado habituados a ver a missão como um “*à parte*” ou um *adorno* da nossa vida cristã.

Reduzimos a ideia de “*missão*” à de uma voluntária colaboração na paróquia ou de pertença a algum movimento ou instituição da Igreja, esquecendo-nos de que a missão começa em casa, na família, no próprio meio, ou, como diz o Papa Francisco, citando um outro autor “*esquecemo-nos disto: não é que a vida tenha uma missão; mas a vida é uma missão*” (GE 27).

E essa missão é algo gravado no mais íntimo do coração do cristão como se, sem ela, o nosso ser se esboroasse por completo. É mais ou menos isso que diz São Paulo, na expressão: “*Ai de mim se não evangelizar*” (1 Cor 9,16), que é como quem diz: “*Ai de mim, que me esfrangalho em bocados... se não anunciar o Evangelho*”!

Quantas vezes pensamos a nossa vida cristã ou a missão, como uma ajuda voluntária à Igreja, durante uma(s) horita(s) por semana, em regime de *part-time*, ou como um *biscate pastoral*, ou como um passatempo piedoso. Quantas vezes pomos, de um lado a vida privada, e de outro a tarefa missionária, dividindo-nos por dentro e por fora.

Ora o desafio pastoral “*Todos discípulos missionários*” implica também a unidade e a inteireza de *todo* o nosso ser, com *todo* o nosso amar e pensar, *todo* o nosso sentir e agir. Na missão, que é a própria vida, não há lugar para intervalos, para contratos a prazo, porque esta é sempre e somente um “*trabalho de amor*” (1 Ts 1,3) sem termo e sem condições!

O discípulo é alguém comprometido com Jesus, não é, não pode ser, uma espécie de *solteirão sem compromisso*. O discípulo sabe que tem de fazer todos os dias uma escolha sobre o Deus a quem quer amar, seguir e servir.

Ser discípulo implica, pois, uma decisão, um compromisso com Cristo, um «sim» à sua Palavra de Vida. Este compromisso diz respeito a todos os batizados, solteiros, casados ou consagrados, e é para toda a vida.

Esta missão não é, em primeiro lugar, levada a cabo por peritos da pastoral ou especialistas da evangelização. Esta missão diz respeito a todos e a cada um dos batizados, que receberam o Espírito Santo e, por isso, devem levantar-se, sair da sua zona de conforto e descer à rua, sem medo da hostilidade, da indiferença, do sarcasmo.

Por isso, “*não temos o direito de ficarmos na janela a ver passar essa enorme multidão dos que nunca receberam o dom da fé ou já não conhecem o Senhor*” (Plano Diocesano de Pastoral 2018/2019, n.º 3). Nem sequer a nossa fraqueza é pretexto para a demissão, mas sim estímulo para a missão (cf. EG 121).

Ninguém diga, pois, que não sabe evangelizar. “*Quem não souber dizer mais nada, garanta aos outros que se sente feliz por conhecer e se deixar amar por Jesus Cristo*” (Plano Diocesano de Pastoral 2018/2019, n.º 3).

Resumindo: “*Todos discípulos missionários*”, a viver a missão.

Não se diz “*todos voluntários*”, como se na Igreja fôssemos uns *tarefeiros de serviço*, a dar umas horas por dia ou por semana à instituição.

Não se diz “*todos benfeitores*”, como se fôssemos membros de uma associação humanitária, que faz o bem, para se sentir cada vez melhor.

Não se diz “*todos artistas*”, como se trabalhássemos para aparecer e brilhar no palco do mundo, às vezes como solistas fora do coro.

Não se diz “*todos senhores*”, como caudilhos de batalhas pessoais, a lutar por chegar ao primeiro lugar. O Evangelho traduz isto de modo muito simples: “*Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos*” (Mc 9,35).

Portanto:

A comunidade é evangelizadora em todos os seus membros. Há aqui uma visão da Igreja como Povo de Deus, em que todo o discípulo é missionário (cf. EG 120).

Nós estamos convictos de que o Espírito está em ação, tanto no evangelizador como no evangelizado. E que a evangelização não é tarefa de especialistas, mas obra de todos, para todos:

“Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários». Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: «Encontrámos o Messias» (Jo 1, 41). A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus «devido às palavras da mulher» (Jo 4, 39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, «começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus» (At 9, 20). Por que esperamos nós” (EG 120)?

“Todos discípulos missionários” quer dizer, no concreto, “todos servos de todos”, “todos servidores de todos”, “porque tu precisas dos outros e todos precisam de ti” (Plano Diocesano de Pastoral 2018/19, n.º 10).

2. O destinatário: todos a todos (EG 14)

Os destinatários da evangelização podem ser considerados em três âmbitos distintos, segundo a EG 14: *Os fiéis praticantes e pouco praticantes; os batizados que não vivem a sua fé; os que não conhecem a Cristo ou o recusaram.*

Por fim, frisamos que a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho *àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram.* Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho.

Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas «por atração» (EG 14).

“Nada impomos, mas sempre propomos, como Pedro nos recomenda numa das suas cartas: «Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós» (1 Ped 3, 15)” (Bento XVI, Homilia, 14.05.2010).

Resumindo: *“Encontramo-nos perante uma situação completamente oposta àquela que é evocada na parábola do pastor, que tinha 99 ovelhas no curral, e foi buscar a que se perdeu: hoje temos uma no curral, e 99 que nós não vamos buscar! A opção básica da Igreja, atualmente, é sair para a rua, à procura das pessoas, conhecê-las pelo seu nome”*⁶.

Neste sentido, *“não existe uma evangelização de poltrona”* (Papa Francisco, *Meditação matutina*, 19 de abril de 2018). O discípulo tem de trocar as pantufas por um par de sapatilhas, para caminhar com Jesus, para se levantar e sair ao encontro das pessoas.

Estaremos nós convencidos de que fazemos parte de uma comunidade e que ela conta connosco?

Temos consciência de que uma paróquia não se desenvolve unicamente à custa do padre, nem uma escola cumpre a sua missão apenas com os seus professores e a sua direção?!

3. Com todos, tudo e sempre em missão

Gosto deste lema do Ano Missionário, porque revela uma conceção holística dos protagonistas, dos âmbitos e dos territórios, dos conteúdos da evangelização e das dimensões da salvação. Nesta medida, *todos os cristãos são enviados a todas as partes e a partir de todas as partes para comunicar a todos os povos a salvação, em todas as dimensões da sua existência.*

⁶ FRANCESA AMBROGETTO - SERGIO RUBIN, *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*, Ed. Paulinas 2013, 77-78

II. A NECESSÁRIA CONVERSÃO PASTORAL (EG 25-33)

A proposta de uma Igreja em saída requer, obviamente, uma conversão pastoral e missionária que não pode deixar ficar as coisas como estão.

“Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma «simples administração». Constituamo-nos em «estado permanente de missão», em todas as regiões da terra” (EG 25).

Essa conversão exige vigilância perante a tentação da habituação e uma nova audácia e ardor na missão. O risco da habituação, que mina o espírito da missão, é bem caricaturado pelo Papa:

“A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: «fez-se sempre assim». Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respetivas comunidades” (EG 33).

Na sua mais recente exortação apostólica sobre a santidade (*Gaudete et exultate*), o Papa retoma a sua análise às tentações comuns dos servidores da alegria do evangelho e denuncia os medos que nos paralisam. Alerta-nos para o risco da habituação e do medo de sair ao encontro das periferias:

“Deus é sempre novidade, que nos impele a partir sem cessar e a mover-nos para ir mais além do conhecido, rumo às periferias e aos confins. Leva-nos aonde se encontra a humanidade mais ferida e aonde os seres humanos, sob a aparência da superficialidade e do conformismo, continuam à procura de resposta para a questão do sentido da vida. Deus não tem medo! Não tem medo! Ultrapassa sempre os nossos esquemas e não Lhe metem medo as periferias. Ele próprio Se fez periferia. Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos: Ele já estará lá. Jesus antecipa-Se-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sombria. Ele já está lá” (GE 135).

Trata-se de uma conversão pastoral, que deve reconhecer sobretudo um aspeto fundamental: a pastoral deve concentrar-se no coração do Evangelho, na beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo (EG 36) e de confiar numa certa hierarquia de verdades.

Em que se poderá exprimir algo da conversão pastoral pedida pelo Papa? Poder-se-iam identificar alguns aspetos. Sugerimos apenas cinco, que nos parecem relevantes:

1. A reestruturação da comunidade cristã com base na transmissão da fé a quantos ignoram o Evangelho ou dele têm uma perceção errada. Temos tudo “*montado*” para quem nos procura e está, de algum modo, inserido, mas muito menos para quem não conhece nada do Evangelho ou tem dele uma imagem distorcida.
2. O fomento, nas comunidades, de lugares de autêntica fraternidade vivida e de partilha da fé. A fé precisa de ser desenvolvida, catequizada, e, ao mesmo tempo é preciso criar um mínimo de vida fraterna entre os cristãos.
3. A *opção preferencial pelos jovens*, que são aqueles a quem já não se transmite a fé. Isto não se faz mediante uma pastoral de eventos, mas através de uma pastoral que desenvolva processos.
4. A tomada de consciência de que todos os cristãos se devem tornar evangelizadores e, deste modo, superar uma visão clerical da ação pastoral. Tal implica dar *verdadeiro protagonismo aos leigos*, que são a imensa maioria do Povo de Deus (EG 102).

“*É a hora dos leigos*” diz-se muitas vezes, “*mas parece que o relógio parou*”, diz com fina ironia o Papa Francisco⁷.

Num pluralismo estrutural, os leigos são, portanto, a Igreja que procura os vários modos de habitar e evangelizar as diversas dimensões da existência humana. A Igreja não existe apenas quando se reúne para celebrar, mas pelo facto de habitar (sobretudo pela presença de inúmeros leigos e leigas) as múltiplas realidades deste mundo.

A renovação missionária da Igreja não se fará, só porque temos o Papa Francisco a surpreender-nos e a desassossegar-nos todos os dias.

⁷ PAPA FRANCISCO, *Carta ao presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina*, Cardeal Marc Ouellet, 19.03.2016.

A missão da Igreja, na minha terra (cf. EG 273), não estará garantida, à custa do empenho solitário do pároco.

A Evangelização, hoje, não terá como protagonistas os bispos, como aconteceu nos três primeiros séculos de vida cristã e, em particular, na segunda metade do século III.

A nova evangelização não terá como figuras de proa os monges, que evangelizaram a Europa dos séculos VI ao IX.

Nem os frades serão mais os globalizadores da fé, como aconteceu no século XVI, com os Descobrimentos. A época atual terá como protagonistas da missão todos os fiéis batizados, e sobretudo os fiéis leigos, que são a grande maioria dos membros do Povo de Deus⁸.

A chamada “crise de vocações religiosas e sacerdotais” e os malefícios causados pelo clericalismo, que anula e manipula o papel dos leigos, estão a dizer-nos que a renovação missionária da Igreja contará sobretudo com a força profética das bases, isto é, com os fiéis leigos.

A presença de muitos guias solícitos, padres ou leigos, atentos às fronteiras da fé, descobrirá essas frequentes passagens, ajudará os duvidosos, aconselhará os perdidos, confortará os mais inseguros.

Nos limites entre a fé e a descrença pode ser desenvolvido um extraordinário apostolado do diálogo, do conforto, do testemunho. Na nossa cidade, nos nossos ambientes de profissão, de estudo e convívio, nas nossas viagens de trabalho ou de lazer, encontramos muitas pessoas, que hesitam entre a fé e a descrença, entre o sentimento religioso e a desilusão de Deus, entre a revolta e o desejo de regresso à Igreja!

Urge que as paróquias formem pessoas portadoras de vida aos outros, habilitadas para discernir, integrar, conviver, dialogar, conferir responsabilidades. No fundo, trata-se de «dialogar com o fragmento». Um diálogo acolhedor, afetuoso e comunicativo!

⁸ RANIEROCANTALAMESSA, *Como la estela de una nave. Horizontes para una nueva evangelización*. Madrid, Ed. Palabra, 2012, p.5; cit. FABRIZIO MERONI – ANASTÁSIO GIL (Coord.), *La Misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Ed.PPC, Madrid 2018, p.152.

5. Missão dos leigos no meio do mundo e não apenas no seio da Igreja

É importante, a este respeito, dar-mos conta de que há um mal-entendido de base quando se fala da missão dos leigos, colocando-a exclusivamente em contexto eclesial, ou seja, que “tarefas” se lhes deve confiar na dinamização da vida da Igreja.

Perspetiva ainda mais evidente sendo isso ainda mais urgente quando a delegação destas funções é motivada pela escassez do clero que antes as realizava. Isto não é o “específico” da missão dos leigos. Ser leigo é ser leigo, não é ser um substituto do padre.

Ser leigo é ter um emprego em contexto de trabalho na e para a sociedade; é ter responsabilidades sociais e políticas; é ser agente económico; é ser pai, mãe, avô, neto, amigo... E, incluindo tudo isto, é ser membro da Igreja, parte do Corpo Místico de Cristo.

É, de facto, muito **importante que se superem os modelos tradicionais de missão laical**, conferindo-lhes a sua real dimensão. A sua participação na vida da Igreja é ponto de partida para a vida concreta de todos os dias, não é um ponto de chegada.

A pastoral para os leigos e com os leigos terá que ter esse horizonte, apontar para os desafios do mundo concreto e deixar que o Evangelho tenha eco fora da Igreja e não apenas dentro.

Precisamos, pois, de recuperar a relação da Igreja com o mundo, que nos inclui a todos, o mundo que nos rodeia. Isto exige novo protagonismo dos leigos e da sua secularidade, do seu estar no mundo, sem ser do mundo, mas testemunhando a santidade ordinária.

Os fiéis leigos, em virtude da comum experiência de amor conjugal que gera vida e família, a par da sua radical conexão com o mundo e o compromisso da sua transformação, graças à sua atividade laboral, exigem que estes se coloquem no centro da preocupação pastoral do anúncio, da vida litúrgica, da formação catequética e da caridade comunitária.

III. VENCER A SÍNDROME DE JONAS⁹ (GE 134)

É uma bela figura bíblica e paradigmática da missão, esta que encontramos num dos livros mais pequenos da Sagrada Escritura, precisamente com o nome do profeta “à força”. É um bom exemplo de missão¹⁰ o caso de Jonas, a quem Deus pede que vá a Nínive, mas às vezes atracamos em Társis. Mas Deus manda-nos a Nínive, àquela cidade que Deus também ama e a quem confia a conversão dos seus habitantes. O Papa Francisco chega mesmo a dizer que Jonas não temia Nínive, mas a quem temia era a Deus e ao seu amor desconcertante e desmesurado. Podemos dizer que este conto teológico é uma parábola subversiva e dramatizada, em que Jonas simboliza o “*judeu clausus*”, o Israel fechado e fanatizado, que não quer deixar Deus ser Deus e ser também Deus dos pagãos.

O Papa Francisco evoca muitas vezes a figura de Jonas, para denunciar esta síndrome que, mais do que o verme que queimou a raiz do rícino, nos mina e nos contamina na missão:

“À semelhança do profeta Jonas, sempre permanece latente em nós a tentação de fugir para um lugar seguro, que pode ter muitos nomes: individualismo, espiritualismo, confinamento em mundos pequenos, dependência, instalação, repetição de esquemas preestabelecidos, dogmatismo, nostalgia, pessimismo, refúgio nas normas. Talvez nos sintamos relutantes em deixar um território que nos era conhecido e controlável. Todavia as dificuldades podem ser como a tempestade, a baleia, o verme que fez secar o rícino de Jonas, ou o vento e o sol que lhe dardejaram a cabeça; e, tal como para ele, podem ter a função de nos fazer voltar para este Deus que é ternura e nos quer levar a uma itinerância constante e renovadora” (GE 134).

A síndrome de Jonas manifesta-se na tentação de cumprir apenas as nossas obrigações religiosas, evitando sair para as periferias, a anunciar a Boa Nova, a tentação de pescar no nosso aquário, propondo o Evangelho àqueles que nos parecem recetivos ou simpáticos.

E não nos damos conta de que, mesmo naqueles ambientes mais difíceis, Deus está lá, na busca e na luta diária por uma vida melhor. E não é preciso sequer inventar essa presença de Deus (cf. EG 71).

⁹ A expressão “o complexo de Jonas” é de ANDRÉ LACOCQUE E PIERRE EMANUEL, *Le complexe de Jonas. Un étude psycho-religieuse du Prophète*, Ed. Cerf, Paris 1989.

¹⁰ Juan Pablo Garcia Maestro, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 66.

Bastará ajudar a desvelá-la, pô-la a descoberto. Na história da vida das pessoas há tantos sinais de um Deus que não desaparece do mapa da vida de ninguém, nem sequer da vida de uma grande cidade.

Precisamos de vencer a síndrome de Jonas, o preconceito em relação aos que nos parecem não querer nada *de Deus, do Evangelho, da Igreja*. Temos demasiados respeitos humanos e infundados medos e, por isso, procuramos, como Jonas, fugir à missão, que temos por impossível, dando os outros como perdidos!

Facilmente confundimos o respeito pela indiferença com a indiferença, de modo que em vez de missão, resta a demissão.

Em outro ano, batizado no Porto de “Missão 2010”, e já a aterrar numa Paróquia citadina, eu referia-me a esta mesma síndrome de Jonas, com a expressão “*complexo de betão*”.

“As paróquias tendem, quanto percebo, a ser um espaço caloroso, para quem nelas se abriga! Mas a tentação de isolamento dos seus fiéis, no seu próprio «aquecimento», é muito frequente. Mas o que salta à vista, mesmo entre os mais ativos cooperadores paroquiais, é uma fé demasiado acomodada, sem audácia missionária. Aquilo a que chamo o «complexo de betão», isto é, a tendência a esconder-se no seu próprio canto, precisa de ser superada, por uma fé, que há de expandir-se por contágio! Perante a vastidão urbanística e demográfica da cidade o complexo de betão tem de ser vencido, com uma proposta mais pessoal, mais ousada e mais feliz da fé”¹¹.

O Papa fala-nos no risco de as pessoas se tornarem, na paróquia, “*um grupo de eleitos que olham para si mesmos*” (EG 28), preocupados apenas em assegurar a gestão corrente dos serviços religiosos, de tal modo que muitas vezes nós, os padres, em vez de “pastores” nos tornamos “penteadores das ovelhas” e os fiéis, em vez de queimarem energias na missão, tornam-se consumidores passivos, uma espécie de “*ovelhas de engorda*”.

Uma Paróquia, sobretudo nos meios urbanos, se não está atenta e se vive em “circuito fechado” torna a Igreja absolutamente irrelevante no seu meio.

¹¹ PADRE AMARO GONÇALO, *Homilia no V Domingo Comum C 2010*.

Para ser missionária, ela precisa que cada um dos seus fiéis se torne um guia solícito no meio das gentes que andam à procura, mesmo se aparentemente meio-perdidos; precisamos muito de cristãos capazes de serem bons ouvintes, interessados na escuta dos que têm histórias de vida para contar, a fim de ajudar a “desvendar” nelas a presença de Deus, que ali permanece escondida. Missão é, antes de mais, anunciar Aquele que se esconde no desejo e até no desvario de cada pessoa. Na verdade, Deus atua em todos e em todos Se encontra (Ef 4,6).

Precisamos de suscitar e manter um diálogo com os interlocutores, convencidos, por um lado, que o Espírito Santo sempre chega antes de nós e dispõe os outros não só para receber a mensagem, mas também os capacita para que nos ensinem algo através das suas esperanças e sonhos.

Isto supõe a convicção de que, na missão, é tão importante falar como escutar; não deve minimizar-se o silêncio reverencial diante da cultura e da terra sagrada do outro (cf. Ex 3, 5; cf. EG 169).

Mas este diálogo não nos pode inibir de propor o Evangelho, de partilhar a Boa Nova. Não nos foi confiado um produto para vender, mas uma vida para comunicar: a própria vida de Deus, fruto do seu amor, que reconcilia, que é plenitude eterna da vida humana.

A insistência do Papa Francisco na santidade (*Gaudete et exultate*) e o documento da CDF “*Placuit Deo*” (de 1.3.2018), recordam o problema da salvação em Cristo, fruto da graça divina, como experiência de vida nova, de conversão do pecado, de vitória sobre a morte.

Portanto, não há missão que parta do zero, de uma espécie de *tábua rasa*. Trata-se de propor um sentido, a quem no mais fundo de si mesmo já possui tantos sinais da graça, tantas *sementes do Verbo*, como diziam os Padres da Igreja.

Precisamos de saber e acreditar que a evangelização é obra de Deus, muito antes de ser nossa. A missão parte de Deus, vem de Deus que, enviando o Filho, pelo poder do Espírito Santo, nos envia a nós, como discípulos missionários.

O lugar onde nasce ou renasce a fé não está no poder de ninguém. Um novo crente ou um re-principiante, na fé, será sempre uma surpresa, nunca o objeto de uma conquista, o resultado de um esforço ou o produto de um trabalho.

Vençamos, pois, a síndrome de Jonas, saindo ao encontro das pessoas, para lhes levar a feliz notícia de que está próximo delas o Reino de Deus, de que Deus está nas encruzilhadas das suas vidas, nas suas casas, ruas e praças!

Sair para encontrar as pessoas, para as ouvir, para as abençoar, para dialogar e caminhar com elas. Sair *ad gentes* mas também *inter gentes...* e *cum gentibus*

IV. UMA IGREJA PARA A MISSÃO: AD GENTES, INTER GENTES, CUM GENTIBUS

A expressão *ad gentes* pode ser ambígua: o próprio termo parece pejorativo; refere-se a um grupo socialmente inferiorizado. Alguns autores falam hoje da missão *inter gentes*¹². A expressão é de aparição recente no cenário eclesial e afirma-se em contraponto à missão *ad gentes*. O termo surgiu no contexto asiático e foi elaborada por W. R. Burrows, para incluir o tríplice diálogo: diálogo com as grandes religiões, diálogo com as culturas locais tão ricas de sabedoria e de experiência, diálogo com a pobreza opressora de que padece a maioria da população.

Esta proposta vê o diálogo como modo de encontro com os outros e pressupõe a eliminação de qualquer atitude de etnocentrismo cultural ou de superioridade religiosa.

A peculiaridade da missão *inter gentes* é que reconhece a diversidade cultural e o pluralismo religioso como uma bênção e não como problema; o outro não é um estranho, mas um irmão, não é alguém a quem se tem de convencer (menos ainda vencer); trata-se de um interlocutor valioso.

A missão *inter gentes* é aquela que o próprio Deus protagonizou ao caminhar com o seu povo, ao encarnar na sua história, ao entrar em diálogo conosco. Vemos isso, na prática pastoral de Jesus, por exemplo, no diálogo com a samaritana (Jo 4,1-41), ao revelar-lhe a sua capacidade de dar água... e o dom que ela esconde dentro de si. O encontro de Jesus com a sirofenícia (Mc 7,24-31) e o encontro de Pedro com Cornélio (At 10) podem ser alguns exemplos.

Nestes casos, os interlocutores não se deixam entorpecer por estereótipos, a relação dá-se num plano de igualdade fundamental e a conversão é tão exigente para um interlocutor como para outro.

¹² Cf. FABRÍZIO MERONI, ANASTÁCIO GIL (Coorden.), *La misión, futuro de la Iglesia. Missio ad - inter gentes*, Ed. PPC, Madrid 2018.

Neste sentido, o desafio da missão já não é tanto a extensão ou expansão da Igreja ou do cristianismo, ou da sua zona de influência, mas proporcionar e oferecer a participação do homem na vida de Deus, através da relação com Ele.

Portanto, não se trata, na missão, nem de propaganda da fé, nem de colonização religiosa. É preciso libertar a missão de conotações nacionalistas ou expansionistas. A missão não se destina a salvar almas, a batizar culturas, a conquistar território nem sequer a construir uma Igreja. Não.

A missão não é primeiramente uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus, pois Deus é um missionário. *“Não é que a Igreja tenha uma missão de salvação a cumprir no mundo; é a missão do Filho e do Espírito, através do Pai, que inclui a Igreja”* (J. Moltmann).

A missão paradigmática, missão substantiva ou substancial, pede-nos para viver, à imagem da Trindade, desde dentro para fora, a ser uma comunidade em constante saída para mais além de si, descentrada de si mesma, pois encontra o seu centro em Cristo, presente nos mais pobres e empobrecidos.

Compreendamos então que não é tanto a Igreja que faz a missão, mas a missão que faz a Igreja.

A missão faz a Igreja, porque faz dela melhor instrumento ou agente de salvação. Mais: não é a Igreja que tem uma missão; é a missão que tem uma Igreja. Como Igreja não temos uma missão; é a missão que nos tem a nós, enquanto Igreja, é a missão que nos sustenta, funda e impulsiona. A missão não é, pois, uma função da Igreja; ela constitui a sua essência e a sua realização existencial.

A consciência missionária pede-nos para estarmos entre a gente e ir com alegria a todas as gentes. Entende-se a missão *“cum gentibus”* e como exercício de recíproca evangelização.

V. EVANGELIZADORES COM ESPÍRITO NOS MÚLTIPLOS MODOS DE EVANGELIZAR

Daí que seja também necessário encontrar formar evangelizadores com espírito, capazes de desenvolver os múltiplos modos de evangelizar:

“Contudo não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas pré-estabelecidas ou com palavras concretas que exprimam um conteúdo absolutamente invariável. Transmite-se com formas tão diversas que seria impossível descrevê-las ou catalogá-las, e cujo sujeito coletivo é o povo de Deus com seus gestos e sinais inumeráveis” (EG 129).

Evangeliza-se, de facto, de muitas maneiras. Considerando os exemplos contidos no Novo Testamento podemos destacar as seguintes¹³:

1) **Evangelizar pelo anúncio, em diálogo profético: Vedores com a vara de Moisés** (EG 72; 127)

É a forma expressa no início do Evangelho: *“Jesus dirigiu-se para a Galileia, pregando o Evangelho de Deus e dizendo: completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,14-15).*

O anúncio é, em primeiro lugar, o ato de comunicação do Evangelho sobre Jesus e do Evangelho de Jesus. Sobre Jesus, de quem contamos a sua história de vida, morte e ressurreição, como transparência de Deus. De Jesus, que está vivo e cuja pessoa propomos, cuja mensagem continua a desafiar-nos e a comprometer-nos com o seu Reino.

A proclamação, porém, não está restrita às ocasiões públicas, durante a Missa, ou na Catequese. Pode ocorrer também no diálogo fraterno, como o de Jesus com a Samaritana (Jo 4,1-41) ou com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

Diz-nos o Papa Francisco: *“Na vida quotidiana, muitas vezes os cidadãos [e não só] lutam para sobreviver e, nesta luta, esconde-se um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um*

¹³ Seguimos aqui de perto CARLO MARIA MARTINI, *Levanta-te. Vai a Nínive, a grande cidade!* Ed. Loyola, São Paulo, 1992, 8-9 complementando com citações da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

profundo sentido religioso. Precisamos de o contemplar, para conseguirmos um diálogo parecido com o que o Senhor teve com a Samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede (cf. Jo 4, 7-26)” (EG 72).

Muitos autores insistem na missão, como diálogo profético¹⁴, em que jogam papel fundamental o anúncio e o testemunho, na convicção de que Deus nos *primeireia* neste anúncio (cf. EG 24). Na verdade, não vamos inventar ou criar a presença de Cristo na vida das pessoas. Ele precede-nos na Galileia dos gentios, ele vai à nossa frente (cf. Mt 28,10). E depois sabemos que “*Deus está acima de todos, atua em todos e em todos Se encontra*” (Ef 4,6).

Mentalidade crucificada e não de cruzada: misteriosamente fecundos

Este anúncio deve fazer-se de modo humilde, respeitoso e dialogante e de modo inculturado, isto é, adaptado às circunstâncias daqueles a quem anunciamos o Evangelho. É fundamental na missão, substituir a *mentalidade de cruzada*, pela *mentalidade crucificada*, como resposta empática às questões do outro, num profundo respeito por ele.

“Evangelizar não significa necessariamente tornar cristãos todos os homens, nem fazer voltar à Igreja todos os batizados. Evangelizar é anunciar, com factos e palavras, e assim dar a possibilidade, a quem tem boa vontade, de poder ouvir uma boa nova e aprofundá-la e, se assim decidir, acolhê-la. Deste modo evangelizamos, preparados para a aceitação e para a recusa, sem esperar sucessos estrondosos ou conversões em massa”¹⁵.

“O Senhor precede-nos sempre! Mesmo nos lugares mais distantes, mesmo nas culturas mais diversas. Deus espalha por toda a parte as sementes do seu Verbo” (Papa Francisco, *Discurso aos neocatecumenais*, 1.2.2014).

Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele «vem em auxílio da nossa fraqueza» (Rm 8, 26). A isto chama-se ser “*misteriosamente fecundos*” (EG 280)! Aceitemos colocar-nos diante de alguns desafios.

¹⁴ STEPHEN B. BEVANS Y ROGER P. SCHROEDER, *Teología para la misión hoy. Constantes em contexto*, Ed. Verbo Divino, Navarra 2009, pp.591ss.

¹⁵ CARLO MARIA MARTINI, *Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade*, n.º8

Deste modo evangelizamos, preparados para a aceitação e para a recusa, sem esperar sucessos estrondosos ou conversões em massa”¹⁶. Jesus evangelizou também em Nazaré ou Corazim ou Betsaida, onde sua palavra "não teve acolhimento" (cf. Mc 6,6; Lc 10,13).

O mais importante não é o sucesso ou a conquista, mas sim a irradiação da beleza da fé e do testemunho de Cristo, de modo que todos saibam, através de nós, da nossa vida, da nossa palavra e do nosso testemunho, que o Senhor.

Importa que os agentes pastorais saibam colocar-se ao serviço dos começos da fé, com espírito de serviço e despojamento. Nós não temos o poder de transmitir a fé. Podemos velar pelas condições que tornam a fé possível, compreensível e desejável.

Vedores com a vara de Moisés

Cabe-nos, por meio do diálogo, fazer o que o vedor¹⁷ faz no terreno: identificar onde há água, um fio de água ou um lençol de água por entre rochedos. Precisamos da vara de Moisés, para descobrir onde está “a água viva” e a fazer ressurgir e brotar com a abundância... ou como Jesus com a samaritana: “se tu conhecesses o dom que Deus tem para dar” (Jo 4,10).

Este anúncio pode ocorrer também no diálogo fraterno, cordial e amigável. Daí a importância, que podem ter as conversas de mesa ou de café, os contactos de rua, os encontros de amigos, as reuniões de família, os passeios à beira-rio. Também Jesus passava e passeava, e era no caminho, que curava e chamava as pessoas mais comuns, a partir dos lugares da sua vida, ali, onde as encontrava!

Uma só palavra do Evangelho, pode transformar uma vida, esclarecer uma situação de dor, iluminar uma certa escuridão do espírito, abrir caminho para uma solução, corrigir uma atitude, orientar ou consolar o coração.

“Todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa

¹⁶ CARLO MARIA MARTINI, *Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade*, n.º8.

¹⁷ Vedor é a pessoa capaz de detetar a existência de água no subsolo com uma vara de madeira. Em Trás-os-Montes, por exemplo, ainda se recorre muito a essa técnica para fazer furos artesianos e abrir poços.

vida. O teu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele; pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros. A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer” (EG 121).

O Papa insiste também na evangelização de pessoa a pessoa. E esta é muito importante na inculturação da fé, em que os leigos evangelizam usando a sua própria linguagem, sem esquecer a necessidade de a Igreja habitar o espaço público, de um modo que já não tenha por base uma lógica de poder, mas que tenha realmente em conta o contexto pluralista das sociedades democráticas.

*“Há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a **pregação informal** que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário, quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (EG 127).*

2) Evangelizar por convocação: propor (Red. Miss., 39) e envolver (EG 24; 120)

Isto significa a ousadia de convidar outros a vir (Mt 22,9) à nossa Missa, a entrar na nossa Festa, a participar numa iniciativa da nossa comunidade. Quem sabe, a surpresa do nosso convite é o primeiro «empurrão» de que alguém espera... para seguir Jesus?! O anúncio é sempre convite e nunca ameaça: a Igreja propõe, não impõe nada (Red. Miss., 39).

É preciso melhorar a nossa comunicação e propor o Evangelho de forma, o mais lata possível, com caminhos de fé diversificados para cada um, na certeza de que a pessoa é capaz de resposta, é um ser respondente.

*“A nova evangelização deve implicar um **novo protagonismo de cada um dos batizados**. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que **ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização**, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, **não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em***

Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários» (EG 120).

3) Evangelizar por atração (não proselitismo): a via da beleza (EG 14; 167)

Assim faz a primeira comunidade de Jerusalém que, mesmo sem enviar missionários, vê afluir “*muita gente também das cidades vizinhas de Jerusalém*” (At 5,16). Vivamos de tal modo, que os nossos gestos, os acontecimentos da vida pessoal e paroquial, a nossa oferta da beleza, se tornem atrativos e significativos para o nosso meio ambiente.

“*Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas «por atração»*” (EG 14).

“*Nesta perspectiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus. (...) Por isso, torna-se necessário que a formação na via pulchritudinis esteja inserida na transmissão da fé. É desejável que cada Igreja particular incentive o uso das artes na sua obra evangelizadora, em continuidade com a riqueza do passado, mas também na vastidão das suas múltiplas expressões atuais, a fim de transmitir a fé numa nova «linguagem parabólica». É preciso ter a coragem de encontrar **os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne** para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas tornaram-se particularmente atraentes para os outros*” (EG 167).

4) Evangelizar por irradiação, alegria e entusiasmo (EG 10)

Como a lâmpada no candelabro ou a cidade sobre a montanha, evangeliza-se através de um “*comportamento nobre, entre os pagãos, porque considerando vossas boas obras, chegarão a glorificar a Deus, no dia em que Ele os visitar*” (1 Pe 2,12).

“*Um evangelizador não deveria ter constantemente **uma cara de funeral**. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, «a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com*

lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo» (EG 10).

“A evangelização, no nosso tempo, só será possível por contágio de alegria” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial da Juventude, 2014). A alegria e o humor são, aliás, uma das marcas da santidade para o nosso tempo (cf. GE, 122-128).

5) **Evangelizar por contágio** (EG 9)

Como uma vela se acende de outra vela, como um sorriso gera outro sorriso, pode ser de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, de grupo a indivíduos contagiados pela fé feliz de uma comunidade: "Eu vim lançar fogo à terra" (Lc 12,49). "Ainda que alguns não obedeçam à Palavra", podem "mesmo sem a palavra ser conquistados ao observarem vossa conduta" (1 Pe 3,1-2).

“O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam surpreender frases de São Paulo como estas: «O amor de Cristo nos absorve completamente» (2 Cor 5, 14); «ai de mim, se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16)” (EG 9).

A transmissão da fé, coração da missão da Igreja, ocorre pelo "contágio" do amor, tweetou o Papa no passado dia 18 de outubro 2018.

6) **Evangelizar por levedura ou fermentação: uma minoria criadora e criativa**

É uma forma menos aparente, mais lenta e oculta, como "o fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha para fermentar toda a massa" (Mt 13,33).

O discípulo missionário não se assusta nem desanima, por passar despercebido ou se sentir tão pequenino, no meio de uma numerosa multidão. Ele não tem medo de meter as mãos na massa do povo!

Pelo contrário, tal como a pequenina porção de fermento leveda toda a massa e faz crescer o pão que alimenta, assim o discípulo missionário é fermento na massa do povo e o seu testemunho tem um efeito multiplicador e transformador à sua volta.

Não é importante o sucesso ou fracasso. Podem acreditar ou não, aceitar ou recusar, mas saberão que há Cristo e que há um cristão... no meio deles!

No segredo e no trabalho humilde, numa Escola, numa instituição, numa empresa, numa associação, podemos ir mudando mentalidades, inovando caminhos, renovando estruturas de injustiça, abrindo-as a uma conduta cada vez mais evangélica.

O mundo não precisa, pois, de discípulos em massa. O que faz falta ao mundo é que haja discípulos na massa! Não precisamos de uma Igreja de maioria. Mas que ela seja uma minoria criadora e criativa. O que implica que o anúncio seja humilde e confiado na ação do Espírito Santo, verdadeiro “fermento” da vida cristã e da evangelização.

Comportemo-nos não como o rico que dá ao pobre o pão que lhe sobra, mas como um pedinte que diz a outro pedinte onde lhe podem dar pão.

7) O testemunho, primeira forma de evangelização (Carta a Diogneto; Red. Miss., 42, EN 41; 21)

A missão começa por ser a oferta de um sinal, de um testemunho: o da nossa vida em comunhão, o do amor vivido entre nós, seus discípulos.

Já São João Paulo II tinha dito com toda a clareza, que a primeira forma de evangelização é o testemunho (Red. Miss., 42), na pegada de Paulo VI, que lembrava que “o homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres” (EN 41).

De algum modo, o testemunho precede, acompanha e sucede ao anúncio, pois a ação sem palavra é muda e a palavra sem ação é vazia.

É testemunha aquele que serve de luz para orientar o reto caminhar das pessoas, de modo que vendo-o a agir, glorifiquem o Pai que está nos céus (Mt 5,6).

O modo de agir da testemunha é semelhante ao do sal e da luz. O sal não é para si, não atrai para si a atenção. E a luz, mesmo e posta no candelabro, não é para dar nas vistas, mas alumiar, para orientar a todos os que estão ou entram em casa.

Este tipo de testemunho pode acontecer a vários níveis:

1. **Testemunho das pessoas crentes concretas**, que vivem a sua vida à luz da fé. *“O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentais. Todos podem e devem dar o mesmo testemunho, que, em muitos casos, é o único modo possível de se ser missionário”* (Red. Miss., 42).

2. **O testemunho da comunidade cristã local**, que está no mundo sem ser do mundo, como uma comunidade de estrangeiros residentes, uma comunidade alternativa que ama o mundo e está comprometida com ele (cf. Carta a Diogneto, sec. II). É muita bela, a este respeito, a sugestão de São Paulo VI:

“Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão connosco? Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização” (EN 21).

“Diríamos que a vida da Igreja é o seu testemunho e que o testemunho da Igreja é a sua vida. A questão do testemunho autêntico é a questão da comunidade autêntica” (C. Norman Craus)¹⁸.

3. **O testemunho pode também referir-se à vida das instituições da Igreja ou patrocinadas pela Igreja:** escolas, hospitais, orfanatos, lares etc., em que é importante preservar o seu carisma e escolher lideranças capazes de dar testemunho, pela qualidade humana da sua integridade, da sua vida de fé, do seu amor à Igreja. A posição oficial da Igreja e dos seus movimentos e associações sobre determinadas matérias faz também parte do seu testemunho confessante. E faz muita falta. Há um déficit de carisma profético na nossa Igreja, acho eu.

4. Por último, podemos falar do **testemunho comum, que as várias tradições cristãs** pelo facto de rezarem e trabalharem juntas, por exemplo, nas questões da defesa da vida, da justiça, da paz, da ecologia etc.

Em todo o caso, esse testemunho não se oferece no isolamento, na solidão, na autogestão. Por isso, os discípulos são enviados *dois a dois*, porque só assim podem ser sinal credível de um terceiro, que é o primeiro, que é Jesus no seu meio.

Antes do que há a fazer na missão, está o modo de o fazer: “Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35).

Pela alegria da comunhão, pela beleza da amizade, pela prática do amor fraterno, os discípulos dão sinal do “*poder de Jesus*” e atraem outros para Ele.

“Viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão e fecunda a cidade” (EG 75).

“Na pastoral urbana, a qualidade será conferida pela capacidade de testemunhar por parte da Igreja e de cada cristão” (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014).

¹⁸ Cf. STEPHEN B. BEVANS Y ROGER P. SCHROEDER, *Teología para la misión hoy. Constantes em contexto*, Ed. Verbo Divino, Navarra 2009, p. 596.

“O testemunho que atrai, que desperta a curiosidade das pessoas. Aqui está a chave! Mediante o testemunho, podemos incidir sobre os núcleos mais profundos, onde nasce a cultura. A Igreja semeia o pequeno grão de mostarda através do testemunho, mas fá-lo no próprio cerne das culturas que se vão gerando no seio das cidades” (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014).

Conclusão: Duas vocações universais na raiz do batismo: santidade e missão (Red. Mis.90; NMI 30; EG 261; GE 19; 34; 138)

Tudo resumido, é preciso dizer que o fator decisivo na missão é mesmo a santidade. Trata-se de assumir corajosamente a diferença que nos distingue, no seio da cultura dominante ou de viver a santidade cristã, segundo o estilo das Bem-aventuranças. São João Paulo II, na conclusão da Encíclica *Redemptoris Missio* (7.12.1990), já escrevia: “o verdadeiro missionário é o santo” (Red. Mis. 90). E acrescentava: “o chamamento à missão deriva por sua natureza da vocação à santidade. Todo o missionário só o é autenticamente, se se empenhar no caminho da santidade: «a santidade deve-se considerar um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para se realizar a missão de salvação da Igreja. A universal vocação à santidade está estritamente ligada à universal vocação à missão: todo o fiel é chamado à santidade e à missão» (Red. Mis.90).

Pelo que – diz agora o Papa Francisco – “não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade (GE 19). Cada santo é uma missão, no seu tempo, na sua terra, para todos os tempos e em todos os lugares.

Portanto, a santidade é um chamamento universal. Para nós deve ser claro: é a mesma coisa dizer “*todos discípulos*” ou dizer “*todos santos*”. Mas também é a mesma coisa dizer “*todos missionários*” ou “*todos santos*”. A vocação universal à missão lança as suas raízes na vocação universal à santidade.

Por isso, quando se pretende, com este Ano Missionário, um renovado impulso na missão, “*não basta explorar com maior perspicácia as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem ainda organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: é preciso suscitar um novo «ardor de santidade» entre os missionários e em toda a comunidade cristã, especialmente entre aqueles que são os colaboradores mais íntimos dos missionários*” (Red Mis. 90).

Não basta renovar os métodos pastorais, as linguagens e as expressões; o que faz falta, em primeiro lugar, é suscitar em todos um novo «ardor de santidade» (cf. Red Mis. 90).

Nenhuma técnica ou motivação serão suficientes para relançar a missão, às gentes de além-mar ou entre as nossas gentes, “*se não arder nos corações o fogo do Espírito*” (EG 261), que nos santifica, se não irradiar da nossa vida a beleza, o fulgor e o ardor da santidade.

São João Paulo II escreveu na Carta Apostólica com que inaugurou o caminho da Igreja no início do terceiro milénio: “*Não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade*” (NMI 30).

Não há estratégias pastorais que nos valham, se o ardor da santidade não contagiar os outros, porque a primeira forma de evangelização é o testemunho. Estou mesmo convencido disto, acrescenta o Papa Francisco: “*A Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas só de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida*” (GE 138), de evidenciar que “*a única tristeza na vida é a de não ser santo*” (Léon Bloy; cf. GE 34).

Podemos realizar muitas iniciativas, lançar muitas propostas, sair para a rua, mas se cada um, na sua casa, no seu lugar, no seu emprego, nos seus lugares de vida comum, não deixar arder esta chama da fé que se apega, não conseguiremos praticamente nada e então tudo se apagará, no final da festa.

Aliás, esta é hoje uma das novas marcas da santidade: não a pacatez, a passividade, a ingenuidade, o medo ou a indiferença, *mas a audácia e o ardor*, que dão novo impulso evangelizador, desassombro destemido, que nos tornam capazes de romper velhos hábitos, abanar a história, sacudir marasmos, sair da mediocridade tranquila e anestesidora (cf. GE 138), para renovar o rosto da Igreja e a face da Terra.

“*Ao mesmo tempo, a santidade é ousadia, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo. Para isso ser possível, o próprio Jesus vem ao nosso encontro, repetindo-nos com serenidade e firmeza: «não temais!» (Mc 6, 50). «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Estas palavras permitem-nos partir e servir com aquela atitude cheia de coragem que o Espírito Santo suscitava nos Apóstolos, impelindo-os a anunciar Jesus Cristo*” (GE 129).

Na verdade – queridos amigos – como ser *missão*, num mundo tão hostil, sem esta coragem apostólica, sem esta ousadia de navegar pelo mar dentro, para lançar as redes em águas mais profundas (cf. GE 130)?

Lembremo-nos hoje e sempre disto: onde estiver a marca “*todos santos*” aí estará, em alta definição e em ativa laboração o nosso propósito pastoral: “*Todos discípulos missionários*”!

Que a graça d’Aquele que é maior do que Jonas (cf. Lc 11,32), e o exemplo de Maria, Senhora do Monte, Nossa Senhora da Prontidão (EG 288), nos ajude a sairmos do encontro e ao encontro com Cristo, para nos pormos todos a caminho, e a toda a pressa, porque é hora de assumirmos a graça do que somos: *todos santos. Todos cristãos, a viver a missão. Todos, tudo e sempre em missão.*

BIBLIOGRAFIA

- A.A.V.V., *Francesco. Evangelii Gaudium. Testo integral e commento de «La Civiltà Cattolica»*, Ed. Ancora, Milão 2014.
- A.A.V.V., *La alegría del evangelio. Claves y propuestas para la comunidade evangelizadora*, Ed. PPC, Madrid, 2014
- ALBERTO COZZI – ROBERTO REPOLE – GIANNINO PIANA, *Papa Francisco. Que Teologia*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2017
- ALPHONSE BORRAS E GILLES ROUTHIER, *A nova Paróquia*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, Coimbra 2010
- AMARO GONÇALO, *Estamos demasiado habituados a ver a missão como um ‘à parte’ ou um adorno da nossa vida cristã*, in *Jornal da Madeira*, 10 Novembro, 2018 [Entrevista a Luísa Gonçalves, Luisa Gonçalves, na rúbrica Pedras Vivas].
- AMARO GONÇALO, *Homilia no V Domingo Comum C*, 2010
- AMARO GONÇALO, *Um convite a Paulo. Fica em minha casa*, Ed. Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar, Porto, 2008
- ANTÓNIO SÉRGIO TORRES, *Pastoral familiar: levantar-se em cada manhã com as famílias*, in *Theologica*, 2ª série, 41, 1 (2006), 97-118
- BENTO XVI, *Discurso durante o encontro com os sacerdotes da diocese de Albano (ITÁLIA)*, 31-08-2006
- BENTO XVI, *Encíclica Deus Caritas est*, Ed. Paulinas Prior Velho 2006
- BENTO XVI, *Homilia na Avenida dos Aliados, Porto, 14.05.2010*
- BENTO XVI, *Homilia para a celebração eucarística para a inauguração solene da Assembleia XIII Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, Roma, 7 de outubro de 2012.
- CARDEAL CARLO MARIA MARTINI, *Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade. Carta sobre a evangelização das grandes cidades*, Ed. Loyola, São Paulo 1992
- COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Reflexões sobre a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Papa Francisco*, Moscovide 2914 (documento em pdf)
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), *Carta Pastoral “A Família, esperança da Igreja e do mundo”*, Fátima, 31 de maio de 2004
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), *Carta Pastoral “Como Eu fiz, fazei vós também”*, Fátima, 10 de junho de 2010.
- DENIS VILLEPELET, *A proposta da fé em contexto de crise de transmissão. O futuro da catequese europeia*, col. Ferramentas Catequéticas, Ed. SEDCIA, Porto, 2005
- DIOCESE DE ANGRA, *Orientações Diocesanas de Pastoral. Da alegria do Evangelho à saída missionária da Igreja*, Açores 2014
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2016-2017*, Porto, 2016
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2017-2018*, Porto, 2017
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2018-2019*, Porto, 2018
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral, para o quinquénio 2015/2020*, Porto, 2015
- DOM ANTÓNIO MARTO, *Carta Pastoral “Testemunhas da Ternura de Deus”*, Leiria-Fátima, 8.09.2007.
- DOM ANTÓNIO MARTO, *Homilia no Dia da Cidade de Leiria*, 22.05.2007
- DOM CARLOS AZEVEDO, *Conferência sobre Dom António Barroso*, Senhora da Hora, 19.05.2018.
- DOM MANUEL LINDA, *Homilia na Missa inaugural*, 15.04.2018
- ENZO BIANCHI E RENATO CORTI, *A Paróquia*, Edições, Prior Velho 2006
- FABRIZIO MERONI – ANASTÁCIO GIL (Coord.), *La Misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Ed.PPC, Madrid 2018, p.152.
- FRANCESCA AMBROGETTO - SERGIO RUBIN, *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2013
- JAMES MALLON, *Manuel de survie pour les paroisses. Pour une conversion pastorale*, Ed. Artège, 2.ª ed., Paris 2015, 103-212;
- JAMES MALLON, *Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, E. Bac 2015.
- JUAN JOSÉ PÉREZ-SOBA, *La pastoral familiar. Entre programaciones pastorales y generación de una vida*, Ed. BAC Popular, Madrid 2014
- JUAN PABLO GARCIA MAESTRO, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 96-105.
- PAPA FRANCISCO, *A alegria do amor. Exortação Apostólica Amoris Laetitia*, Ed. Paulinas – Secretaria Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016
- PAPA FRANCISCO, *A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas-Secretaria Geral do Episcopado, 2013

- PAPA FRANCISCO, Bula «*Misericordiae vultus*» (O rosto da misericórdia), na proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 11.04.2015
- PAPA FRANCISCO, *Discurso sobre a evangelização das grandes cidades*, 27.11.2014
- PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013
- PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2018
- PAPA FRANCISCO, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude 2014*, 21.01.2014
- PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *A Esperança. A entrevista exclusiva ao Papa Francisco*, Col. Diálogos de fé, Paulus Editora-Cofina Media-Edição Glaciar, janeiro de 2014;
- PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. A entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Padre António Spadaro*, Ed. Paulus – A.O. 2013; cf. *Revista Brotéria*, agosto-setembro 2013; ou ainda cf. <http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas>
- PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade do Evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013
- RINO FISICHELLA, *A nova evangelização. Um desafio para sair da indiferença*, Ed. Paulus, Lisboa 2012
- SÃO JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Redemptoris Missio*, Ed. Paulistas, Lisboa 1991
- SÃO JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Novo Millennio ineunte*» (No início do novo milénio), no termo do Grande Jubileu do Ano 2000, 06.01.2001
- SÃO JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi Tradendae*, Ed. A.O. 4ª ed., Braga 1982
- SÃO JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles Laici* (30.12.1988)
- SÃO PAULO VI, Ex. Ap. *Evangelii Nuntiandi*, Ed. A.O. 6ª ed, A.O., Braga 1983
- STEPHEN B. BEVANS Y ROGER P. SCHROEDER, *Teología para la mision hoy. Constantes em contexto*, Ed. Verbo Divino, Navarra 2009
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE, *Documento final*, Aparecida, 13-31 de maio de 2007.
- VÍCTOR MANUEL GERNANDEZ-PAOLO RODARI, *A revolução suave do Papa Francisco*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2014
- WALTER KASPER, *O Evangelho da família*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2014